

A Escola de Antioquia e sua interpretação literal das Sagradas Escrituras

The School of Antioch and its Literal Interpretation of the Holy Scripture

Francisco Emanuel Lima Santos

Resumo

Pretende-se discorrer sobre a Escola de Antioquia e o seu método de interpretação bíblica. O método de pesquisa utilizado é a de revisão bibliográfica. Terá como fonte de informação e fundamentação os seguintes instrumentos de pesquisa: dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas e obras sobre a história da interpretação bíblica. A pesquisa parte da necessidade de que os cristãos conheçam a história sobre a origem e o uso do método literal/histórico-gramatical. Com o propósito de alcançar o seu objetivo, a pesquisa se desenvolverá a partir de uma análise sobre a origem da Escola de Antioquia, as raízes históricas que deram início ao método literal de interpretação e sua influência na vida de alguns intérpretes como João Crisóstomo e Teófilo de Antioquia. O propósito é mostrar por meio da análise bibliográfica, que o método de interpretação antioqueno tinha como base a interpretação literal. A interpretação literal foi inicialmente usada pelos cristãos com o objetivo, por exemplo, de contrapor-se ao método alexandrino de interpretação alegórica. Futuramente, o método literal ficou conhecido como método histórico-gramatical.

Palavras-chave: Antioquia. Escola. Literal. Interpretação.

Abstract

This article intends to discuss the School of Antioch and its method of biblical interpretation. The method of of research is a bibliographic review. It will have as a source of information and foundation the following research tools: biblical and theological dictionaries and encyclopedias and works on the history of biblical interpretation. The research emerges from the necessity of the Christians of knowing the history of the origin and the use of the literal/historical-grammatical method. In order to achieve its objective, the research will be developed from an analysis of the origin of the School of Antioch, the historical roots that gave rise to the literal method of interpretation and its influence on the lives of some interpreters such as John Chrysostom and Theophilus of Antioch. The

purpose is to show, through bibliographical analysis, that the Antiochian method of interpretation was based on literal interpretation. Literal interpretation was initially used by Christians with the aim, for example, of opposing the Alexandrian method of allegorical interpretation. In further time, the literal method became known as the grammatical-historical method.

Keywords: Antioch. School. Literal. Interpretation.

Introdução

Neste artigo, pretende-se discorrer sobre a Escola de Antioquia, o surgimento da escola de interpretação literal das Escrituras; as raízes históricas do método literal; princípios gerais do método e seus intérpretes antioquenos. O tipo de pesquisa a ser abordada é a de revisão bibliográfica e histórica. Terá como fonte de informação e fundamentação os seguintes instrumentos de pesquisa: dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas, obras sobre a história da interpretação bíblica, obras sobre a história da teologia cristã, manuais de teologia bíblica, entre outros.

A pesquisa parte da necessidade de que os cristãos conheçam a história sobre a origem e o uso do método literal. A interpretação bíblica é um dos temas centrais na compreensão das Sagradas Escrituras. Foi assim para os autores do Antigo e Novo Testamento, para os apóstolos e, da mesma forma, continuou sendo para os primeiros discípulos de Cristo. Sendo, portanto, a compreensão e aplicação do texto bíblico, uma das principais fontes de conduta e fé para os cristãos. Por isso, a interpretação bíblica deve continuar sendo relevante e oferecendo aos cristãos a possibilidade de compreenderem melhor a revelação escrita de Deus. Esta pesquisa tem a finalidade de responder os seguintes questionamentos: Como surgiu a Escola de Antioquia? Como o método literal foi usado na história?

Com o propósito de alcançar o seu objetivo, esta pesquisa se desenvolverá a partir de uma análise sobre a origem da escola de Antioquia, as raízes históricas que deram início ao método literal de interpretação e sua influência na vida de alguns intérpretes como, João Crisóstomo e Teófilo de Antioquia. O propósito é mostrar, por meio da análise bibliográfica e histórica, que o método de interpretação antioqueno tinha como suporte a interpretação literal. A interpretação literal ou histórico-gramatical foi inicialmente utilizada pelos cristãos com o objetivo, por exemplo, de confrontar a interpretação alegórica da escola de Alexandria.¹

1. A cidade de Antioquia da Síria, berço da interpretação literal

Antioquia da Síria “era uma cidade grande, a terceira maior de todo o Império Romano. Ela foi fundada às margens do rio Orontes por Seleuco Nicátor, por volta do ano 300 a.C., e recebeu o nome de Antioquia em homenagem a Antióquio, pai de Seleuco”.²

¹ Para melhor compreensão do método alexandrino, recomenda-se a leitura do artigo, SANTOS, F. E. L., A Escola de Alexandria e sua interpretação alegórica das Sagradas Escrituras, p. 108-123.

² GONZÁLEZ, J. L., Atos, p.169.

Segundo Harrison, ela chegou a ser “a mais famosa das dezesseis Antioquias estabelecidas por Seleuco em memória de seu pai”.³ Era uma cidade muito importante para o mundo da época e “sua proeminência na região era devida à sua localização, que se encontrava no entroncamento entre as estradas da Ásia Menor e as do Oriente e ficava apenas sete quilômetros do mar Mediterrâneo”.⁴

A sua importância também se dava por ser uma cidade multicultural. Conforme Fluck, em Antioquia “estavam presentes muitas religiões e tradições filosóficas”.⁵ González diz que, “por volta do século I (Antioquia) tinha cerca de quinhentos mil habitantes. Essa cidade era um centro para troca de ideias, culturas, costumes e religião”.⁶ Harrison comenta que:

Antioquia era formosa por sua cultura, sendo louvada a esse respeito por pessoa não menos importante que Cícero. Perto da cidade ficavam os famosos bosques de Dafne, bem como um santuário dedicado a Apolo, onde eram celebrados ritos orgias em nome da religião. A despeito de sua má formação moral, a vida em Antioquia, no início era cristã, era rica e variada.⁷

Ao que parece, era uma cidade diversificada, e seus moradores pertenciam a muitos povos. Davis comenta que a sua população “compunha-se de gentios e em grande parte judeus”.⁸ Nesta tão grande e importante cidade, “criou-se um grande centro de erudição judaica”.⁹ Champlin diz que, “durante o período das guerras dos Macabeus, muitas famílias judaicas se estabeleceram em Antioquia”,¹⁰ com isso, explica-se o grande número de judeus que moravam na cidade no primeiro século. Na verdade, “os judeus já faziam parte da população de Antioquia desde a sua fundação”.¹¹

No entanto, desde o início do primeiro século, os cristãos também faziam parte da população de Antioquia. O livro bíblico de Atos dos Apóstolos comenta sobre a cidade de Antioquia e a igreja que lá existia. Atos 11,19-20; 25-26 diz:

Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estevão se espalharam até à Finícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.¹²

Pelo relato bíblico do livro de Atos, pode se observar que, logo após a morte de

³ HARRISON, R. K., Antioquia da Síria, p. 85-86.

⁴ BASTOS, M. V., Breve história da Escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante, p. 132-144.

⁵ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da Igreja, p. 68.

⁶ GONZÁLEZ, J. L., Atos, p. 169.

⁷ HARRISON, R. K., Antioquia da Síria, p. 85-86.

⁸ DAVIS, J. D., Antioquia, pertencente a Antíoco, p. 41.

⁹ CHAMPLIN, R. N., Antioquia, p. 195.

¹⁰ CHAMPLIN, R. N., Antioquia, p. 194.

¹¹ BRUCE, F. F., Paulo o apóstolo da graça, p. 124.

¹² At 11,19-20; 25-26.

Estevão, houve uma perseguição contra a igreja e muitos discípulos foram dispersos, alguns chegando à cidade de Antioquia. Nesta cidade, “pregaram o evangelho primeiramente aos judeus que falavam a língua aramaica, e depois aos judeus que falavam o grego”.¹³ Conforme Marshall, “a evangelização da igreja fez um impacto tão grande que o povo local cognominou seus membros de gente de Cristo”.¹⁴

Como se observa, a cidade de Antioquia foi para os cristãos no primeiro século, a segunda mais importante, em termos de religião, ficando atrás apenas de Jerusalém que era considerada a capital religiosa e se tornando a terceira maior cidade do império romano.¹⁵ A sua importância se dava em virtude de sua posição geográfica, sua população multicultural e por ter se tornado um grande centro do cristianismo gentílico.

Foi em Antioquia que o método literal de interpretar as Sagradas Escrituras foi desenvolvido e defendido contra o método alexandrino de alegorização das Escrituras. Antioquia destacou-se por ter desenvolvido um método hermenêutico mais literal e histórico que não procurasse alegorizar o texto bíblico.¹⁶ Desenvolveu não somente um método interpretativo, mas também, conforme Fluck, “Antioquia desenvolveu uma teologia ancorada na história”,¹⁷ sempre preocupada com a historicidade e literalidade do texto.

2. O surgimento da escola de interpretação literal das Escrituras

Apesar do livro de Atos registrar a chegada de cristãos no primeiro século e a cidade ter tido uma grande influência do cristianismo, a escola de Antioquia de interpretação literal das Escrituras, só foi fundada provavelmente no final do terceiro e início do quarto século como observa Fluck: “Em Antioquia desenvolveu no século IV uma escola que rejeitava o método alegórico, próprio dos alexandrinos, que em sua opinião desvirtuava o reto sentido dos textos bíblicos, e cultivava a interpretação literal”.¹⁸

Para Lopes, essa escola tornou-se famosa por sua abordagem literal das Escrituras e foi formada no início do IV século, embora já houvesse no século II estudiosos antioquenos com uma interpretação mais literal das Escrituras como Teófilo.¹⁹ Já Vanhoozer, diz que “a escola de Antioquia floresceu na Síria no final do século IV e começo do século V”.²⁰ Concordando com Vanhoozer, Hall diz que “foi somente no final do quarto e início do quinto, que ocorreu o florescimento significativo da hermenêutica antioquena com as obras de Deodoro de Tarso, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e Teodoro de Ciro”.²¹ Qualquer que seja o momento específico de sua fundação, o que se verifica é que a escola foi fundada entre os séculos III e V.

A escola, segundo Lopes, “foi fundada por Luciano de Antioquia (240-312 d.C.), teólogo cristão nascido em Samosata, que deu origem a uma tradição de estudos bíblicos

¹³ DAVIS, J. D., Antioquia, pertencente a Antíoco, p. 41.

¹⁴ MARSHALL, H. I., Atos, p.191.

¹⁵ CHAMPLIN, R. N., Antioquia, p. 194-195.

¹⁶ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 207.

¹⁷ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 68.

¹⁸ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 69.

¹⁹ LOPES, A. N., A Bíblia e seus interpretes, p. 135.

²⁰ VANHOOZER, K. J., Há um significado neste texto?, p. 138.

²¹ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 178.

que ficou conhecida pela erudição e conhecimento das línguas originais”.²² Kaiser concorda que Luciano de Samosata seja o fundador da escola de Antioquia.²³ Zuck também diz que Luciano foi o fundador da escola.²⁴ Luciano embora nascido em Samosata, completou seus estudos em Antioquia. Era conhecedor da língua hebraica, enfatizava a crítica textual e dedicou aos estudos filológicos e históricos.²⁵

Quando se fala na escola de Antioquia, não se fala em uma escola no sentido de instituição de ensino, como se conhece atualmente, mas no sentido que os pais antioquenos da igreja adotaram em sua teologia e exegese uma interpretação mais literal das Sagradas Escrituras.

Os intérpretes antioquenos davam muita ênfase ao sentido literal do texto, sempre levando em consideração a sua historicidade, o contexto e a intenção do autor. “Os antioquenos afirmavam que nenhum texto significava outra coisa além daquilo que ele claramente diz. Insistiam em que a revelação de Deus estava na história e que essa história era o referente do texto quando interpretado literalmente”.²⁶ A exegese da escola “fundamentava-se em regra sobre um sólido fundamento filosófico e caracterizava-se, em seu forte interesse pelos fatos históricos, por uma clara sobriedade e rigor”.²⁷ Os antioquenos diziam que as Sagradas Escrituras, devem ser interpretadas literalmente, de maneira que seja condizente com o significado original.²⁸

Os intérpretes alexandrinos, não ignoravam totalmente o sentido literal do texto bíblico, porém, davam muita ênfase ao sentido espiritual do texto. Gostavam de dizer que havia um segundo sentido que só poderia ser descoberto pelos espirituais. Os intérpretes antioquenos, por sua vez, ignoraram a interpretação alegórica dos alexandrinos, e enfatizaram o método literal em suas abordagens teológicas e exegéticas que, posteriormente, veio a ser conhecido como histórico-gramatical.²⁹

3. As raízes históricas do método literal

O que levou os pais e estudiosos antioquenos a desenvolverem e enfatizarem o estudo gramatical e literal das Sagradas Escrituras? Quais são as raízes da exegese com ênfase no literal e historicidade do texto? Fica evidente mediante a leitura e pesquisa sobre os pais antioquenos que esse método foi desenvolvido para contrapor a interpretação alegórica das Escrituras, prática comum dos alexandrinos.³⁰ A escola antioquena fez uma oposição consciente ao método alegórico alexandrino.³¹ Kaiser destaca que a escola de Antioquia foi fundada em oposição à escola de Alexandria.³²

Era preciso conter o avanço da influência alegórica alexandrina e, por isso, surgiu a escola de Antioquia. Mas, também, alguns fatores contribuíram para o desenvolvimento

²² LOPES, A. N., A Bíblia e seus interpretes, p. 134.

²³ KAISER, W. C., Introdução à hermenêutica bíblica, p. 213.

²⁴ ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 43.

²⁵ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 101-102.

²⁶ VANHOOZER, K. J., Há um significado neste texto?, p. 138.

²⁷ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 69.

²⁸ HAGGLUND, B., História da teologia, p. 77.

²⁹ ANGLADA, P. R. B., Introdução à hermenêutica reformada, p. 61.

³⁰ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 177-178.

³¹ LOPES, A. N., A Bíblia e seus interpretes, p. 134.

³² KAISER, W. C., Introdução à hermenêutica bíblica, p. 213.

do método literal, por exemplo, o forte apego ao estudo das línguas originais das Escrituras e uma teologia cristológica com ênfase na humanidade de Cristo. A seguir será feita uma breve análise desses dois fatores importantes.

3.1. Ênfase no estudo das línguas originais das Escrituras

Segundo Zuck, os antioquenos “incentivavam o estudo das línguas bíblicas originais (hebraico e grego) e redigiam comentários sobre as Escrituras”.³³ Hall citando Karlfried Froehlich diz que “Antioquia era um ambiente erudito bem conhecido por produzir intérpretes versados em cuidadosa crítica do texto, estudos filológicos e históricos, e o cultivo da retórica clássica”.³⁴ O próprio Luciano, fundador da escola, era dedicado ao estudo das línguas, como explica Lopes:

Luciano teólogo cristão nascido em Samosata, que deu origem a uma tradição de estudos bíblicos que ficou conhecida pela erudição e conhecimento das línguas originais. Atribui-se a Luciano (embora sem evidências concretas) uma revisão e uniformização dos textos gregos da sua época, dando origem ao texto Bizantino ou Sírio, que foi o texto grego do Novo Testamento adotado pela igreja até meados do século passado.³⁵

Anglada conta que os reformadores influenciados pelos pais antioquenos também se apegaram ao estudo das línguas originais da Bíblia.³⁶ Isso mostra que os pais antioquenos prezavam pelo estudo das línguas como ferramentas hermenêuticas e importantes para a compreensão do significado do texto bíblico e que exerceram influência ao logo da história da igreja.

3.2. Teologia cristológica com ênfase na humanidade de Jesus

A cristologia foi um dos aspectos que dividiu opiniões entre alexandrinos e antioquenos. Por meio da teologia cristológica enfatizada pelos alexandrinos e antioquenos, percebe-se o estilo de exegese e interpretação que eles faziam das Sagradas Escrituras. Os alexandrinos enfatizavam a divindade, enquanto que os antioquenos enfatizavam a humanidade de Jesus.

Os intérpretes alexandrinos “enfatizavam a divindade de Jesus como uma joia espiritual oculta por trás do véu de sua humanidade”.³⁷ Eles tinham muitas dificuldades de entenderem as dimensões, implicações e questões físicas e históricas relativas à encarnação de Jesus, por isso, eles procuravam diminuir a importância dessas questões. Eles criam na encarnação de Jesus, mas preferiam enfatizar a sua divindade como algo mais espiritual,³⁸ e sublime.

Os antioquenos, por sua vez, estavam submissos às realidades históricas e literais das

³³ ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 43.

³⁴ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 178.

³⁵ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 134.

³⁶ ANGLADA, P. R. B., Introdução à hermenêutica reformada, p. 232.

³⁷ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 207.

³⁸ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 207.

Escrituras Sagradas, da encarnação e pessoa de Jesus, e preferiam mais o estudo da humanidade de Jesus, sendo às vezes descuidados com a divindade, embora não a negassem.³⁹

Tempos depois quando a escola de Antioquia estava se destacando, as divergências teológicas com a escola de Alexandria ficaram bem mais acentuadas. Fluck, em seu livro *Teologia dos pais da igreja*, elaborou um quadro que mostra a diferença de interpretação entre os alexandrinos e antioquenos na questão da teologia cristológica.

ESCOLA TEOL. DE ALEXANDRIA	ESCOLA TEOL. DE ANTIOQUIA
Apolinário de Laodicéia definiu a posição cristológica declarando: Cristo é uma só substância (homoousios) com o Pai	Deodoro de Tarso definiu-a: “só o que é assumido pelo Logos pode ser redimido por ele”.
Ênfase na plena divindade	Ênfase na plena humanidade (a partir do critério soteriológico)
O Logos assume natureza humana incompleta	O Logos assume natureza humana completa
Por quê? “se o Logos em pessoa domina, conduz e rege diretamente a natureza humana, Jesus Cristo fica livre da debilidade pecaminosa da natureza.”	Portanto, “A distinção entre as duas naturezas deve ser sustentada incondicionalmente, e a unidade da pessoa mantida perpetuamente.” (Teodoro de Mopsuéstia)
PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Platão: corpo é animado por uma alma. Consequência: Jesus não tem alma humana.	PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Aristóteles: corpo/alma formam unidade inseparável.
Logos ativo/carne passiva. Logos somente assumiu o corpo humano.	Logos assume o ser humano pleno. Mantém a integridade das duas naturezas.
Glorificação da carne: “Deus em Cristo foi transmutado em carne, e esta carne foi então transmutada pela natureza divina”.	Cada uma das duas naturezas em Cristo é considerada intacta. Não há integração de uma natureza na outra. Elas se distinguem.
Ênfase na realidade metafísica, divina. Antítese entre divino e humano. O divino ocupa uma parte maior que humano na cristologia.	O aspecto histórico (humanidade) era ressaltado, rejeitando-se alegorias e enfatizando-se a existência terrena, seu desenvolvimento e historicidade.

³⁹ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 207-208.

<p>Cirilo: Maria é Theotokos (=mãe de Deus). Em Maria, o divino entrou na carne mortal tornando o mortal divino.</p>	<p>Nestório: Antropotókos (mãe do humano) tem de complementar. Propõe-se Christotókos.</p>
<p>Se não aceitam isto, quando se realiza a Ceia, o corpo do mero homem está no altar. Estão dividindo Cristo.</p>	<p>O elemento divino em Cristo não se encontra em sua natureza humana. Maria partiu o homem, mas não o Logos</p>

Esquema das escolas.⁴⁰

Embora não seja o propósito deste ponto a teologia cristológica das duas escolas, o quadro acima ajuda a entender claramente a interpretação dada à cristologia por ambas as escolas. Observa-se no quadro, que a cristologia dividia as duas escolas. Antioquia fazia questão na humana de Jesus, sem negar a sua divindade, mas fica muito claro que sua preferência era pela a humanidade de Jesus.⁴¹ Isso se dava por sua característica exegética.

Tanto a busca pelo estudo das línguas originais da Bíblia, quanto a ênfase na humanidade de Jesus, acabou ajudando na defesa e no desenvolvimento do método de interpretação literal das Escrituras com o objetivo de entender as Escrituras em seu sentido original e histórico, mas também de combater aqueles que quisessem negar a plena humanidade de Jesus.

4. O método literal e seus intérpretes antioquenos

O método literal se expressa através de princípios de interpretação que foram formulados e desenvolvidos ao longo do período patrístico. Os intérpretes antioquenos se apegaram a esses princípios e, por meio deles, liam e explicavam as Sagradas Escrituras.

O método literal não exclui as metáforas, símbolos e linguagem figurada do texto. Vanhoozer diz que “para os antioquenos, o sentido literal cobria todo o significado do escritor, incluindo suas metáforas e figuras”.⁴² É claro que quando a Escritura diz que Jesus é a porta, não quer dizer que ele seja literalmente uma porta, mas há uma linguagem figurada no texto que expressa uma verdade de que Jesus é a passagem para a salvação.⁴³

Segundo Olson, os antioquenos “também reconheciam na alegoria uma maneira legítima de comunicar a verdade, mas procuravam não buscar significados espirituais, alegando que as histórias bíblicas não eram alegorias, a não ser quando havia um bom motivo para fazê-la”.⁴⁴ Na verdade, eles se preocupavam com o excesso de literalidade bem como com o excesso de alegoria, pois os dois extremos eram igualmente perigosos. Procuravam ver um único sentido no texto que era tanto literal quanto espiritual, enquanto que os intérpretes alexandrinos viam dois sentidos no texto, o literal e o espiritual,⁴⁵ sendo

⁴⁰ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 71.

⁴¹ MCGRATH, A. E., Teologia sistemática e filosófica, p. 420.

⁴² VANHOOZER, K. J., Há um significado neste texto?, p. 141.

⁴³ VANHOOZER, K. J., Há um significado neste texto?, p. 140.

⁴⁴ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 207.

⁴⁵ KAISER, W. C., Introdução à hermenêutica bíblica, p. 213.

o espiritual mais valorizado.

Hall citando Froehlich diz que “fazer uma nítida distinção entre a exegese alexandrina e a antioquena, como se os pais alexandrinos fossem somente alegorizadores, ao passo que os exegetas antioquenos ficassem firmemente fixados no sentido literal do texto, é simplificar as questões”.⁴⁶ Na verdade, o que se verifica é que os antioquenos não eram radicais a ponto de ignorarem possíveis alegorismos, figuras de linguagens contidas no texto bíblico, contudo, não alegorizavam onde o texto não era uma alegoria, não criavam um segundo sentido para o texto, como faziam os intérpretes alexandrinos.

Ao que parece os alexandrinos estavam dispostos a sacrificarem a historicidade e o sentido literal para fazerem uma interpretação alegórica. Já os antioquenos, não estavam dispostos a prejudicar o texto com interpretações alegóricas, mas também não ignoravam totalmente supostos alegorismos, metáforas e figuras de linguagens que por ventura o texto tivesse. Ao invés de partirem para a alegoria, eles usavam o conceito de *theoria* e *tipologia* como ferramentas exegéticas.

5. Princípios gerais do método literal

A escola de Antioquia desenvolveu alguns princípios de interpretação, como por exemplo:

1. *A Escritura é toda divina*: Ela vem do Espírito Santo, não há aspectos insignificantes no texto.⁴⁷
2. *A sensibilidade e atenção ao sentido literal do texto*: Procurava alcançar o sentido do texto por meio da busca da intenção do seu autor.⁴⁸
3. *Interpretação histórico-gramatical*: Tentando evitar o alegorismo dos alexandrinos, defendia-se com maior zelo que um texto deve ser interpretado segundo as regras da gramática e os fatos da história.⁴⁹ Embora o termo “histórico-gramatical” só surgiu muito tempo depois, sua raiz vem da escola de Antioquia.⁵⁰
4. *A teoria*: Era o princípio para descobrir um sentido mais que literal nas palavras dos profetas do Antigo Testamento, permanecendo-se fiel ao seu sentido literal.⁵¹
5. *A historicidade dos relatos*: Afirmava a historicidade das narrativas bíblicas, e em seguida procurava descobrir o sentido teológico das mesmas.⁵²
6. *Intenção autoral*: Buscava qual era a intenção do autor ao escrever o texto.⁵³

Estes são alguns dos princípios gerais desenvolvidos pelos intérpretes antioquenos. Como pode-se observar, eles buscavam ler e entender o texto bíblico à luz da sua realidade espiritual e histórica. Além desses princípios, duas formas de interpretar o texto, ficaram bastante marcadas na exegese dos antioquenos, a *theoria* e a *tipologia*. A seguir será feita

⁴⁶ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 178.

⁴⁷ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 101.

⁴⁸ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 135.

⁴⁹ VIRKLER, H. A., Hermenêutica avançada, p. 46.

⁵⁰ KUNZ, C. A., *Método Histórico-Gramatical*, p. 1-18.

⁵¹ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 136.

⁵² LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 136.

⁵³ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 136.

uma análise sobre o uso feito pelos antioquenos da *theoria* e da tipologia como ferramentas hermenêuticas para interpretar textos bíblicos que supostamente eram difíceis de serem interpretados literalmente, por exemplo, textos com profecias.

6. O uso da *theoria* para explicar os textos bíblicos

Os intérpretes antioquenos rejeitavam a alegoria dos alexandrinos, mas não descartavam totalmente o sentido figurado de um texto. O dilema era: como entender, por exemplo, uma profecia do Antigo Testamento? Eles não aceitavam alegorizar, mas também não podiam descartar as metáforas, símbolos que muitas vezes continham nas profecias. A solução que eles encontraram foi empregar o conceito de *theoria*, ela era a chave para o entendimento verdadeiro do texto.⁵⁴

A palavra *theoria* vem do grego “ver”, “contemplação” e na concepção dos antioquenos, somente ela podia apontar o caminho intermediário afastado dos perigos da interpretação alegórica e da interpretação meramente literalista.⁵⁵ Lopes explica o conceito de *theoria* usado nas profecias do Antigo Testamento:

Desenvolveu-se em Antioquia o conceito de *theoria*. Esse termo designa o estado mental dos profetas que recebiam as visões, em oposição à alegoria. É uma intuição ou visão pela qual o profeta pode ver o futuro por meio das circunstâncias presentes. Depois da visão, é possível para ele descrever em seus escritos tanto o significado contemporâneo dos eventos bem como seu cumprimento futuro.⁵⁶

Teodoro de Tarso fazia distinção entre a alegoria como interpretação arbitrária, imposta forçosamente ao texto e a *theoria* como o sentido autêntico além da letra, mas sem sacrificar o texto.⁵⁷ Diante de um texto profético do Antigo Testamento, buscava-se por meio da *theoria*, descobrir um sentido além do literal, sem prejudicar o sentido literal, mantendo-se fiel ao mesmo. Essa forma de analisar o texto era bem diferente dos alexandrinos que sacrificavam o sentido literal em detrimento da alegoria,⁵⁸ para conformar a mensagem ao entendimento deles.

Os antioquenos, afirmavam que a ligação entre o cumprimento dos eventos proféticos na época dos profetas e o seu cumprimento também no futuro, um evento com duplo cumprimento, não era um duplo significado, mas tinha um sentido único conforme havia sido a intenção do autor. Assim como as profecias, as narrativas também “não eram histórias cheias de significados ocultos”.⁵⁹ O evento histórico apontava para uma realidade espiritual, porém só tinha um sentido⁶⁰ e não dois como costumavam afirmar os intérpretes alexandrinos.

Usando a *theoria*, os antioquenos podiam interpretar algumas profecias e Salmos como messiânicos e cristológicos, sem usar necessariamente a alegoria. Eles identificavam

⁵⁴ DOCHERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 101.

⁵⁵ KAISER, W. C., *Introdução à hermenêutica bíblica*, p. 213.

⁵⁶ LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 136.

⁵⁷ MORESCHINI, C.; NORELLI, E., *História da literatura cristã antiga grega e latina II*, p. 226.

⁵⁸ LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 136.

⁵⁹ FEE, G. D.; ESTUART, D., *Entendes o que lêes?*, p. 112.

⁶⁰ KAISER, W. C., *Introdução à hermenêutica bíblica*, p. 213.

um duplo cumprimento. Por exemplo, o Salmo 2.7-8 diz: “Tu és meu filho; hoje te gerei. Pede-me, e te darei as nações como herança”,⁶¹ os antioquenos interpretavam-no dizendo que o texto se referia ao momento do autor, mas também se referia à honra que foi concedida pelos gentios ao Cristo encarnado.⁶² Isaías 53 refere-se a Cristo, pois embora o profeta estivesse falando para sua época, sabia perfeitamente das implicações cristológicas embutidas na profecia.⁶³

Assim, não havia espaço para interpretações aleatórias do sentido pretendido pelo autor, pois ele tinha consciência do duplo cumprimento. Essa interpretação, a *theoria*, foi a solução encontrada pelos antioquenos para explicar textos e profecias supostamente difíceis de serem entendidas, sem serem interpretados fora do sentido original, levando sempre em consideração o contexto imediato, futuro e teológico.

A pesar da *theoria* ser uma ferramenta válida na exegese antioquena, ela era usada com cautela. Dockery citando Deodoro de Tarso, intérprete antioqueno, falando sobre o uso da *Theoria*, diz:

Nós não proibimos a interpretação mais elevada e a *theoria*, pois a narrativa histórica não a exclui, mas, ao contrário, é a base e a subestrutura de percepções mais sublimes [...] No entanto precisamos estar atentos para não deixar que a *theoria* acabe com a base histórica, pois o resultado não seria *theoria*, mas sim, alegoria.⁶⁴

Pela fala de Deodoro, observar-se a preocupação dele para que a *theoria* não fosse usada de forma aleatória e sem critérios. Reconhecia-se uma interpretação mais espiritual do texto, mas não podia passar por cima da base histórica do texto.

7. O uso da tipologia para explicar os textos bíblicos

A tipologia foi outra forma usada para explicar determinados textos do Antigo Testamento. Marczyk em sua tese de doutorado sobre a tipologia bíblica afirma que o assunto da tipologia bíblica nem sempre é fácil de compreender e de identificar a tipologia, pois ela se encontra em figuras e nomenclaturas no texto bíblico e sugere uma ligação entre o passado, presente e o futuro, tipo e antítipo.⁶⁵

Tipo é “um termo que deriva do grego *typos*, que aparece 15 vezes no Novo Testamento e que foi traduzido por diversas palavras, como: sombra, sinal, figura, modelo, prefigurava, forma, exemplo e padrão”.⁶⁶ O tipo também por ser uma “classe de metáfora que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir”.⁶⁷

Segundo Zuck, a principal característica de um tipo é a sua semelhança ou correspondência com o antítipo, mas que essa correspondência não deve ser forçada, e sim

⁶¹ Is 2,7-8.

⁶² DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 103.

⁶³ LOPES, A. N., *A Bíblia e seus interpretes*, p. 136.

⁶⁴ DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 105.

⁶⁵ MARCZYK, A. M. B. F. D., *A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu*, p. 8.

⁶⁶ ZUCK, R. B., *A interpretação bíblica*, p. 197-198.

⁶⁷ LUND, E., *Hermenêutica*, p. 64.

natural. E lembra que nem tudo que possui um elemento correspondente é um tipo,⁶⁸ é preciso ter cuidado. Observa-se que os intérpretes antioquenos, fugindo da alegoria alexandrina, interpretavam passagens do Antigo Testamento de forma tipológica. Explicavam o texto fazendo a relação entre tipo, no Antigo Testamento, e o seu correspondente, o antítipo, no Novo Testamento. A questão é saber se há diferença entre tipologia e alegoria, não seriam ambas a mesma coisa?

Lopes diz que esta tem sido uma questão largamente debatida na academia.⁶⁹ Porém, há diferença, e “não se pode confundir tipologia com alegoria”.⁷⁰ A interpretação tipológica leva em consideração a gramática do texto, a historicidade e a intenção do autor original. Enquanto que a alegoria dos alexandrinos, não procurava interpretar o texto em seu contexto histórico-gramatical, e buscava apenas o sentido oculto, espiritual mais profundo que ele supostamente carregava,⁷¹ muitas vezes sem lógica.

De forma geral, a escola de Antioquia distinguia a interpretação tipológica da alegórica de duas maneiras principais:

Em primeiro lugar a interpretação tipológica tentava buscar padrões no Antigo Testamento aos quais Cristo correspondesse, enquanto a exegese alegórica dependia de uma similaridade casual da linguagem entre duas passagens. Em segundo lugar, a interpretação tipológica dependia de uma interpretação histórica do texto.⁷²

Como se pode observar, a escola antioquena entendia que o texto possui uma conotação histórica, mas em harmonia com toda a Escritura, possui também um propósito futuro e espiritual.⁷³ Os intérpretes antioquenos absorveram para si a tipologia como um método exegético válido.⁷⁴ Teodoro, por exemplo, entendia que “a lei e os profetas deveriam ser interpretados tipologicamente como tipos de Cristo”.⁷⁵ Usando a interpretação tipológica, os antioquenos procuravam se afastar e evitar a interpretação da escola de Alexandria.

Foram vários os pais ou intérpretes antioquenos que se destacaram por sua exegese voltada mais para o sentido literal das Sagradas Escrituras. A escola de Antioquia fez muitos discípulos. A seguir serão analisados apenas alguns que são considerados entre os mais influentes intérpretes antioquenos, como: Teófilo de Antioquia, Deodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.

7.1. Teófilo de Antioquia e o método literal

Teófilo (170-190 d.C.) nasceu em um lar pagão e converteu-se lendo os profetas. Ele foi o primeiro a usar o termo “trias” para se referir à Trindade.⁷⁶ Tornou-se bispo em

⁶⁸ ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 200.

⁶⁹ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 119.

⁷⁰ BEEK, J. R.; JONES, M., Teologia puritana, p. 68.

⁷¹ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 119.

⁷² DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 114.

⁷³ BENTO, E. C., Hermenêutica fácil e descomplicada, p. 298.

⁷⁴ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 105.

⁷⁵ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 108.

⁷⁶ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 68.

Antioquia.⁷⁷ Embora Luciano de Samosata seja considerado o fundador da escola de Antioquia, Teófilo que veio antes de Luciano, já se apresentava no segundo século como um estudioso, cuja interpretação das Escrituras, era mais sóbria do que a interpretação alexandrina.⁷⁸ Ele é considerado um dos mais importantes intérpretes antioquenos,⁷⁹ embora, como dito, seja anterior a fundação da escola antioquena.

Teófilo prezava por uma interpretação histórica e literal do texto bíblico. Diante de antropomorfismos do Antigo Testamento, que pareciam contradizer a lógica, não se valia da alegoria, mas procurava entender a passagem no seu contexto histórico e literal, como no exemplo dado por ele do texto de Gênesis 3.8 que diz: “Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do Jardim”.⁸⁰ Teófilo quando confrontado pelo antropomorfismo da passagem, disse:

Dirás, portanto, para mim: “Disseste que Deus não estaria contido em nenhum lugar, e como agora dizes que ele caminhava pelo paraíso?”. Ouve o que digo: O Deus e Pai de fato, não pode ser contido e não pode ser encontrado num lugar, pois não existe lugar para seu repouso; mas sua palavra, por meio da qual ele fez todas as coisas, que é seu poder e sua sabedoria, assumindo a pessoa do Pai e Senhor de tudo, foi ao jardim na pessoa de Deus e conversou com Adão.⁸¹

Diante desse antropomorfismo que supostamente contradizia a onipresença de Deus, ele interpretou o texto como uma teofania da segunda pessoa da Trindade.⁸² Observa-se que ele buscou interpretar o texto como um fato histórico e literal e relacionou o evento com Jesus, numa espécie de interpretação cristológica, porém, não buscou alegorizar aleatoriamente o texto.

7.2. Deodoro de Tarso e o método literal

Deodoro (350-394 d.C.) é um dos mais influentes intérpretes da escola de Antioquia, “foi um respeitado mestre e um dos primeiros líderes da escola antioquena de interpretação e se tornou bispo de Tarso a partir do ano de 378”.⁸³ Foi diretor da escola de Antioquia e deu continuidade a tradição interpretativa de se manter fiel à exegese literal e histórica do texto bíblico. Escreveu obras importantes e polêmicas⁸⁴, como a obra: “*Que Diferença Há entre Teoria e Alegoria?*”.⁸⁵

Deodoro rejeitava a interpretação alegórica, segundo ele, a interpretação alegórica era uma tolice, pois transformava o texto em fábulas absurdas. Ele dizia que os intérpretes

⁷⁷ GONZÁLEZ, J., Uma história do pensamento cristão, p. 86.

⁷⁸ LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 135.

⁷⁹ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 99.

⁸⁰ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 99-100.

⁸¹ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 100.

⁸² DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 100.

⁸³ BASTOS, M. V., Breve história da Escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante, p. 132-144.

⁸⁴ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 105.

⁸⁵ ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 43.

alegóricos negavam a história e davam ao texto um significado estranho.⁸⁶ Fez uso da teoria, e a fazia em “referência ao sentido autêntico do texto que, conforme, ele disse, contém tanto metáforas quanto afirmações explícitas”,⁸⁷ mas, assim como Teófilo, não recorreu à interpretação alexandrina, pelo contrário, ele era desconfiado da alegoria, pois esta impunha ao texto um significado contrário ao natural.⁸⁸

Deodoro, embora rejeitasse a alegoria, não negava que o sentido literal e histórico de um texto poderia ter um sentido mais elevado, que era na verdade o que os intérpretes antioquenos chamavam de *theoria*.⁸⁹ Falando sobre o método literal, Hall cita Deodoro que diz:

Este método nem põe de lado a história, nem repudia a *theoria*. Antes, como uma abordagem realista, a meio caminho, que leva em conta tanto a história como a *theoria*, liberta-nos, por um lado, de um helenismo que diz uma coisa por outra e introduz um tema estranho; por outro, ele não se rende ao judaísmo e nos sufoca por forçar-nos a tratar a leitura literal do texto como a única digna de atenção e honra, não permitindo também a investigação de um sentido mais alto, além da letra.⁹⁰

Com esse método, Deodoro dizia, por exemplo, que assim como o sacrifício de Caim foi rejeitado, a sinagoga judaica também foi rejeitada e que assim como a oferta de Abel foi aceita, as boas ofertas dos cristãos, também estavam sendo aceitas por Deus. Dizia também que o cordeiro da Páscoa no Antigo Testamento era um tipo de Cristo no Novo Testamento.⁹¹ Observa-se que ele procurava não se prender apenas ao sentido literal do texto e nem se prender ao sentido apenas espiritual. Procurava encaixar o evento histórico a um correspondente neotestamentário.

Os comentários que Deodoro fez dos Salmos, mostram o quanto ele e a escola de Antioquia usaram a tipologia como uma ferramenta exegética. “Embora afirmasse que Davi era o autor da maioria dos Salmos, Deodoro observava que, por meio do dom de profecia e pelo entendimento tipológico, muitos Salmos que se referem historicamente aos reis de Israel também se referem ao Senhor Jesus”.⁹² Sem dúvida, como intérprete antioqueno, Deodoro de Tarso, foi um grande defensor do método literal e se colocou contra as interpretações alegóricas dos alexandrinos, que como observado, ele considerava absurdas. Dois outros grandes nomes da escola de Antioquia receberam a influência dele, Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.⁹³

7.3. Teodoro de Mopsuéstia e o método literal

Teodoro (350-428 d.C.) foi um grande e notável pai antioqueno.⁹⁴ Estudou a Bíblia por 10 anos com Deodoro de Tarso. Por ter nascido em uma família rica, teve uma boa educação.

⁸⁶ DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 102.

⁸⁷ ZUCK, R. B., *A interpretação bíblica*, p. 43.

⁸⁸ HALL, C. A., *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, p. 179.

⁸⁹ HALL, C. A., *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, p. 182.

⁹⁰ HALL, C. A., *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, p. 182.

⁹¹ HALL, C. A., *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, p. 182.

⁹² DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 103.

⁹³ ZUCK, R. B., *A interpretação bíblica*, p. 43.

⁹⁴ SANTOS, A. E. D., *O significado do corpo e do batismo na teologia de Teodoro de Mopsuéstia*, p. 102-120.

Foi ordenado a presbítero em Antioquia em 383 d.C. Tornou-se bispo de Mopsuéstia, na Cílicia, em 392 d.C.⁹⁵ Um grande teólogo,⁹⁶ estudioso e ferrenho defensor da humanidade de Cristo, Deus-homem,⁹⁷ como era a característica cristológica da escola de Antioquia.

Na área da interpretação bíblica, alguns acham que ele foi o maior intérprete da escola de Antioquia, apesar de ter contestado a canonicidade de alguns livros das Escrituras,⁹⁸ como os livros de Jó e de Cântico dos Cânticos.⁹⁹ O trabalho exegético dele, superou o de Crisóstomo, por essa razão, era chamado de “exegeta”, enquanto que Crisóstomo, foi chamado de “boca de ouro” por ser mais eloquente nas palavras.¹⁰⁰

Apesar de ter sido chamado de exegeta, ao que parece ele era bastante limitado na área linguística e, por isso, teve que trabalhar mais com traduções, por conta de sua deficiência em hebraico, no entanto, ele é considerado por alguns o maior intérprete antioqueno.¹⁰¹ Teodoro rejeitava totalmente o método alegórico, mas considerava o significado metafórico como parte do significado literal.¹⁰² Ele afirmava que os intérpretes alegóricos faziam uma interpretação mentirosa, ilusória e que buscar um significado além da história, dando ao texto um sentido espiritual, era uma grande ameaça a integridade da mensagem.¹⁰³ Para ele, assim como para os demais intérpretes, desassociar o significado espiritual do fato histórico do texto é um equívoco.

Para Teodoro, “reconhecer figuras de linguagem, como a hipérbole, ajuda a esclarecer textos que, à primeira vista, são misteriosos ou confusos”.¹⁰⁴ Ele interpretou o Salmo 16.10 que diz: “Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”,¹⁰⁵ como uma figura de linguagem. Segundo ele, “O que foi dito pelo bendito Davi hiperbolicamente a respeito do povo israelita, na verdade, refere-se a Cristo, o Senhor, em cujo sentido o bendito Pedro citou corretamente dizendo que (Cristo) nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção”.¹⁰⁶

Como se percebe, “Teodoro compreende a linguagem hiperbólica, como exagero intencional de um escritor bíblico à luz dos futuros atos maiores de Deus”.¹⁰⁷ Ele via as Sagradas Escrituras como um registro histórico que ia se desenvolvendo na história da salvação de Deus. Esses registros históricos cumpriam-se em Cristo.¹⁰⁸ “Por meio da ferramenta hermenêutica, a *theoria*, a realidade da história do Antigo Testamento em seu próprio ambiente poderia igualmente ser mantida”.¹⁰⁹ Como um bom intérprete antioqueno, Teodoro do Mopsuéstia, procurou fugir do método alegórico dos alexandrinos e fez uso do método literal.

⁹⁵ CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 114.

⁹⁶ TILLICH, P., História do pensamento cristão, p. 96.

⁹⁷ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 212.

⁹⁸ ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 43.

⁹⁹ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 106.

¹⁰⁰ BERKHOF, L., Princípios de interpretação bíblica, p. 18-19.

¹⁰¹ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 104-105.

¹⁰² DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 107.

¹⁰³ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 187.

¹⁰⁴ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 189.

¹⁰⁵ Is 16,10.

¹⁰⁶ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 189-190.

¹⁰⁷ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 190.

¹⁰⁸ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 108.

¹⁰⁹ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 108.

7.4. João Crisóstomo e o método literal

João Crisóstomo (344-420 d.C.) de Antioquia “nasceu de família ilustre, pelo ano de 344 d.C.”.¹¹⁰ “Ele era filho de Secundus, um oficial militar pagão, e Antusa, uma mulher piedosa de grande vigor moral e caráter”.¹¹¹ Seu alimento espiritual veio de sua mãe que foi muito cuidadosa na sua instrução religiosa, a ponto de um proeminente pagão da época, maravilhado com a sua devoção, chegar a dizer: “Minha nossa! Que mulheres estes cristãos têm”.¹¹² Antusa de família abastada foi capaz de oferecer a João excelente educação, que incluiu estudos de retórica com um famoso professor pagão chamado Libânio. João também estudou Direito, mas foi atraído cada vez mais pela ascese. João depois da morte da mãe ingressou em um mosteiro.¹¹³

Por ter uma saúde frágil, João Crisóstomo teve que abandonar a vida rigorosa do mosteiro, e em 386 d.C., foi ordenado, pregando em Antioquia até o ano de 398 d.C., alguns de seus melhores sermões. No mesmo ano foi feito patriarca de Constantinopla, cargo que ele conseguiu manter até ser expulso pela imperatriz Eudóxia por denunciar vestimentas indecentes e sua idolatria. João morreu exilado no ano de 407 d.C.¹¹⁴ Um século depois de sua morte João recebeu o título pelo qual ficou conhecido: João Crisóstomo – o homem da língua dourada.¹¹⁵ Conhecido por ser muito bom pregador.¹¹⁶

Mais do que um exegeta, como foi Teodoro de Mopsuéstia, João foi um brilhante pregador, o príncipe dos pregadores de seu tempo.¹¹⁷ “Cerca de 640 de suas homilias sobreviveram e basta apenas uma leitura rápida para se ter uma ideia de seu talento como orador”.¹¹⁸ Gonzaléz diz que para João “o púlpito não era simplesmente uma tribuna onde ele oferecia brilhantes peças de oratória, eles foram antes a expressão oral de toda a sua vida”.¹¹⁹ “As obras mais eficazes de Crisóstomo saíram dos evangelhos de João e Mateus e das epístolas paulinas”.¹²⁰

Assim como Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, também tinha conhecimentos linguísticos limitados. Campenhausen comenta que ele não se “graduou em qualquer idioma além do grego, sua língua nativa, sendo obrigado a confiar em especialistas para conhecer o texto original do Antigo Testamento e suas versões siríacas. No entanto, era muito dedicado ao estudo filológico”.¹²¹ Comenta ainda que Crisóstomo:

Levou muito a sério sua tarefa de exegeta e acreditou que todas as considerações históricas

¹¹⁰ FLUCK, M. R., Teologia dos pais da igreja, p. 69.

¹¹¹ HANKO, H., Retrato de santos fiéis, p. 48.

¹¹² HANKO, H., Retrato de santos fiéis, p. 48.

¹¹³ CURTIS, A. K.; LANG, J. S.; PETERSEN, R., Os 100 acontecimentos mais importantes do cristianismo, p. 38.

¹¹⁴ CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 113-114.

¹¹⁵ GONZALÉZ, J. L., E até aos confins da terra, p. 147.

¹¹⁶ DREHER, M. N., Bíblia, p. 25.

¹¹⁷ VIERTTEL, W. E., A Interpretação da Bíblia, p. 170.

¹¹⁸ CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 114.

¹¹⁹ GONZALÉZ, J., E até aos confins da terra, p. 147.

¹²⁰ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 109.

¹²¹ CAMPENHAUSEN, H. V., Os pais da igreja, p. 130.

e psicológicas devem obrigatoriamente servir para estabelecer o significado original do próprio texto, não devendo ser utilizadas simplesmente para encontrar de modo arbitrário interpretações teológicas e especulações alegóricas de uma ou de outra passagem. A exegese deve se submeter à pregação fiel do texto.¹²²

Verifica-se que, Crisóstomo não aceitava a interpretação alegórica, pelo contrário, “preferia interpretar o texto literal e historicamente”.¹²³ Seguindo a tradição da escola antioquena, ele adotou a abordagem mais literal das Escrituras em oposição à interpretação mais alegórica da escola alexandrina.¹²⁴ Mas também considerava as metáforas do texto, pois ainda que rejeitasse a interpretação fantasiosa, como era feita pelos alexandrinos, ele era compreensível no tocante às figuras de linguagem das Escrituras.¹²⁵

Fazendo uso da tipologia, característico da interpretação antioquena, Crisóstomo entendia que os fatos narrados pelo texto tinham que ser colocados em relação com os fatos que não estavam no texto, mas que estavam por vir, como ele mesmo explica:

Algumas passagens precisam ser interpretadas literalmente. Algumas, num sentido diferente daquele que se situa na superfície, como o que ocorre com as seguintes palavras “O lobo viverá com o cordeiro” (Is 11.6). Ainda assim, outras precisam ser entendidas num sentido duplo. Precisamos apreender aquilo que é real e histórico. Precisamos interpretar o significado espiritual, como no caso da história figurativa de Isaque. Conhecemos o fato de que o filho de Abraão foi ofertado, mas existe algo diferente disso, uma elegia na concepção, que depreendemos das palavras “seu filho” e esta é a cruz.¹²⁶

Como se pode observar, os intérpretes antioquenos, como: Teófilo de Antioquia, Deodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo prezavam e zelavam pelo método literal de interpretação das Sagradas Escrituras. Enquanto que os alexandrinos alegorizavam, davam ênfase no significado espiritual da Escritura, os antioquenos encontravam um sentido histórico e tipológico na Escritura.¹²⁷

Segundo Olson, os intérpretes alexandrinos, muitas vezes, apelavam para a alegorização do texto bíblico com argumentos de que o apóstolo Paulo havia também alegorizado alguns textos.¹²⁸ No entanto, o que os antioquenos tinham a dizer sobre isso? A seguir será feita uma breve análise da explicação que os intérpretes antioquenos deram ao texto de Gálatas 4.24 em que o apóstolo Paulo diz ser uma alegoria.

8. A interpretação dos pais antioquenos para o texto de Gálatas 4.24

Como os intérpretes bíblicos da escola de Antioquia entenderam e interpretaram o texto de Gálatas 4.21-24? Especialmente o versículo 24 que usa a palavra alegoria. Como dito, os intérpretes alexandrinos justificavam o uso da alegoria apelando para o apóstolo

¹²² CAMPENHAUSEN, H. V., Os pais da igreja, p. 130.

¹²³ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 111.

¹²⁴ CURTIS, A. K.; LANG, J. S.; PETERSEN, R., Os 100 acontecimentos mais importantes do cristianismo, p. 38.

¹²⁵ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 115.

¹²⁶ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 115.

¹²⁷ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 115.

¹²⁸ OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 206.

Paulo, especialmente para o texto de Gálatas. O texto de Gálatas 4.21-24 diz:

Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvis a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é a nossa mãe.¹²⁹

Pela leitura geral da carta aos Gálatas, pode-se observar que o apóstolo Paulo está escrevendo para combater algum tipo de judaísmo que pregava a obrigatoriedade das pessoas, mesmo depois de convertidas a cristianismo, de guardarem a lei de Moisés.¹³⁰ É claro no texto que Paulo faz uma alegoria. No entanto, a pergunta é: Como explicar a alegoria feita por Paulo? O texto deve ser entendido literalmente ou Paulo fez uso de uma interpretação que ficou conhecida como “interpretação alegórica alexandrina”? Sobre o termo grego *allegoroumena* que Paulo usou, Deodoro de Tarso, entendia que o apóstolo usou a *theoria* e não ignorou o fato histórico, dando a ele um significado espiritual. Ele explica da seguinte forma:

Baseado no relato histórico sobre Isaque e Ismael e suas respectivas mães, Sara e Hagar, Paulo desenvolve a *theoria* mais alta da seguinte forma: Ele compreende Hagar como o Monte Sinai, mas a mãe de Isaque como a Jerusalém livre, a futura mãe de todos os crentes. O fato de que o apóstolo “teoriza” desta forma não significa que ele repudia o relato histórico. Com o relato histórico como seu firme fundamento, ele desenvolve sua *theoria* sobre o mesmo; ele compreende os fatos subjacentes como eventos em um nível mais alto. É esta *theoria* desenvolvida que o apóstolo chama de alegoria.¹³¹

Para Deodoro, o apóstolo Paulo não alegorizou como os intérpretes alexandrinos faziam. Por isso, o texto de Paulo não pode ser entendido à luz da alegoria alexandrina que tendia a desconsiderar o fato histórico, fazendo especulações a fim de encontrar um significado espiritual. Outros antioquenos como “Teodoro e Crisóstomo, distinguiram entre gênero da alegoria e a hermenêutica alegórica”.¹³² Crisóstomo, por exemplo, explicou o uso por Paulo da seguinte maneira:

Devido a um emprego incorreto da língua, ele (Paulo) chamou de alegoria esse tipo. O que ele quer dizer é isto: a própria história não só apresenta o significado aparente, mas também afirma outras questões; portanto, é chamada de alegoria. Mas o que ela afirma? Nada mais do que tudo o que é agora.¹³³

Crisóstomo entendeu o texto à luz da tipologia. Para ele, Paulo não interpretou

¹²⁹ Gl 4, 21-24.

¹³⁰ GUTHRIE, D., Gálatas, p. 156.

¹³¹ HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 183-184.

¹³² DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 113.

¹³³ DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 113.

alegoricamente no estilo alexandrino, o apóstolo fez apenas o uso do gênero literário alegórico como uma figura de linguagem. Porém, segundo ele, não houve uma interpretação aleatória do seu sentido histórico. Corroborando com as explicações dos antioquenos, Guthrie em seu comentário sobre esse texto diz que o uso que Paulo fez, *allegoroumena*, difere totalmente da interpretação alexandrina porque “atribui ao evento seu pleno significado histórico e deduz, quase como sendo de significado secundário, a implicação espiritual mais profunda”.¹³⁴

Percebe-se que os da escola de Antioquia não viam argumentos suficientes para o uso da interpretação alegórica baseados no uso que Paulo fez da mesma. Para eles, o uso da alegoria do texto de Gálatas é diferente do que faziam os da escola de Alexandria. Paulo respeitou o evento histórico e seu significado e aplicou de forma coerente aos seus dias, na visão dos antioquenos, o apóstolo fez o que eles chamavam de *theoria*, teorizou o texto, ou como alguns explicaram fez uma *tipologia*.

Conclusão

Como visto, a Escola de Antioquia, foi a grande expoente de um dos métodos interpretativos mais influentes da história do cristianismo, o método literal, desenvolvido na cidade de Antioquia. Viu-se que o método teve origem na cidade de Antioquia da Síria, cujo fundador foi Luciano. A cidade de Antioquia tornou-se no primeiro século, um grande centro religioso, ficando atrás apenas de Jerusalém, habitada tanto por judeus quanto por cristãos. Muitos cristãos foram morar em Antioquia devido à perseguição desencadeada contra o cristianismo, como relatado no livro bíblico de Atos dos Apóstolos.

Demonstrou-se que, nesta cidade, criou-se a escola de interpretação literal das Sagradas Escrituras. A criação e o desenvolvimento dessa escola aconteceram devido à rejeição dos antioquenos ao método alegórico alexandrino. Os antioquenos eram mais preocupados com o sentido histórico e gramatical do texto bíblico, zelavam pelo estudo das línguas originais das Escrituras, prezavam por uma interpretação mais equilibrada, tendendo sempre mais para o sentido literal do texto. Os antioquenos diziam que era absurda a interpretação alexandrina que ignorava o contexto histórico e gramatical, que alegorizava o texto em função de interesses que não eram os do autor primitivo.

No entanto, viu-se também que os antioquenos não rejeitavam as figuras de linguagens e a alegoria como um recurso literário. Eles diziam que o texto pode ter figuras de linguagens e elas precisam ser consideradas. O que eles não aceitavam era alegorizar aleatoriamente ou alegorizar onde o texto não permitia que isso fosse feito. Porém, os antioquenos tiveram que enfrentar o seguinte dilema: Como explicar um texto que aparentemente é difícil de ser tomado literalmente? A solução que eles encontraram foi o uso da *Theoria* e da *Tipologia*.

A *theoria* que tem o conceito de “contemplação”, “olhar além” foi a ferramenta hermenêutica que os antioquenos recorreram para fugir da alegoria. Os antioquenos diziam, por exemplo, que quando um profeta falou ou escreveu algo, ele teve a visão completa dos fatos. A ele foi permitido, por Deus, conhecer além do seu presente momento. Na concepção dos antioquenos, usando a *theoria*, há textos, por exemplo, dos

¹³⁴ GUTHRIE, D., Gálatas, p. 157.

profetas no Antigo Testamento que foram escritos em uma época histórica, mas que teriam seu complemento final no futuro, no Novo Testamento. Assim, eles explicaram vários textos do Antigo Testamento de forma cristológica. Da mesma forma, eles procuravam fazer uma ligação entre eventos ou pessoas do Antigo Testamento com o Novo Testamento por meio da tipologia bíblica. Com isso, eles buscavam ser fiéis a historicidade do texto, mas procuravam também fugir da interpretação alegórica.

A escola antioquena teve grandes nomes como: Teófilo de Antioquia, Deodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo. Por meio deles, o método literal de interpretação bíblica ficou bastante conhecido. Rejeitaram o método alexandrino e procuravam o sentido literal do texto. O método literal ficou conhecido por ter diretrizes hermenêuticas como: A Escritura interpreta a Escritura, o estudo gramatical das Escrituras, procurar identificar a intenção original do autor, a Escritura é a Palavra de Deus inspirada, o texto deve ser tomado literalmente e outras.

O desejo do autor desta pesquisa, é que este trabalho sirva de fonte bibliográfica para outros que queiram pesquisar sobre o assunto, e que se sintam também desafiados a pesquisarem mais sobre este tema. É desejo e se espera também que este trabalho possa servir de fonte de conhecimento para os cristãos sobre a história e uso do método literal.

Referências bibliográficas

ANGLADA, P. R. B. **Introdução à hermenêutica reformada**: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua, PA: Knox Publicações, 2016.

BÍBLIA do pregador: Rev. e atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BASTOS, M. V. Breve história da Escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante. *Ensaios teológicos*, v.01, n.01, p. 132-144, jun. 2015.

BERKHOF, L. **Princípios de interpretação bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BRUCE, F.F. **Paulo o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BEEK, J. R.; JONES, M. **Teologia puritana**: doutrina para a vida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BENTO, E. C. **Hermenêutica fácil e descomplicada**: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CAMPENHAUSEN, H. V. **Os pais da igreja**: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: Editora, 2015.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CHAMPLIN, R. N. Antioquia. In: CHAMPLIN, R. N. (Org.). **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. A-C. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 194-195.

CURTIS, A. K.; LANG, J. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003.

DOCKERY, D. S. **Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva**. São Paulo: Vida, 2005.

DREHER, M. N. **Bíblia**: suas leituras e interpretações na história do cristianismo. São Leopoldo: CEBI: Sinodal, 2006.

DAVIS, J. D. Antioquia, pertencente a Antíoco. In: DAVIS, J. D. (Org.). **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1978. p. 41.

FLUCK, M. R. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba-PR: Cia. de Escritores, 2012.

FEE, G. D.; ESTUART, D. **Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia como auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GONZÁLES, J. L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZÁLES, J. L. **Uma história do pensamento cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZÁLES, J. L. **Atos**: o evangelho do Espírito Santo. São Paulo: Hagnos, 2011.

GUTHRIE, D. **Gálatas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HALL, C. A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2007.

HAGGLUND, B. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

HANKO, H. **Retrato de santos fiéis**. Publicação: Fireland Missions, 2013.

HARRISON, R. K. Antioquia da Síria. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). **O Novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 85-86.

LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUND, E. **Hermenêutica**: regras de interpretação das Sagradas Escrituras. São Paulo: Vida, 1968.

KAISER, W. C. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KUNZ, C. A. **Método Histórico-Gramatical: um estudo descritivo**, p. 1-18. Disponível em: <portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf> Acesso em: 17 jul. 2023.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina II**: do concílio de Nicéia ao início da Idade Média. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MCGRATH, A. E. **Teologia sistemática e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

MARSHALL, H. I. **Atos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MARCZYK, A. M. B. F. D. **A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu**. São Paulo, 2010. 141p. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

OLSON, R. E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reforma. São Paulo: Vida, 2001.

SANTOS, A. E. D. O significado do corpo e do batismo na teologia de Teodoro de Mopsuéstia. **Kairós**, v. 9, n. 2, p. 102-120/2012. Disponível em: <<https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/152/143>> Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, F. E. L. *A Escola de Alexandria e sua interpretação alegórica das Sagradas Escrituras*. **Pesquisas em Teologia**, v. 6, n. 11, p. 108-123, jun. 2023.

TILLICH, P. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 2000.

VIERTTEL, W. E. **A Interpretação da Bíblia**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

VANHOOZER, K. J. **Há um significado neste texto?** Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2007.

ZUCK, R. B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Francisco Emanuel Lima Santos

Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná

Doutorando em Teologia pela PUC-Rio

Rio de Janeiro, RJ – Brasil

E-mail: sanemau@hotmail.com

Recebido em: 18/07/2023

Aprovado em 01/10/2024